O espírito e o cérebro

Segundo citações do texto, as ideias da existência de um espírito e um cérebro são totalmente equivalentes, visto que são emblemáticas e metafísicas, porém não deixam de ser dependentes, pois o espírito não existiria sem o cérebro. É relevante que ambos não possuem noção da “existência” do outro. Sendo considerados completos opostos, um formado por milhares de ligações neuronais e processos químicos, ligado assim à ideia de ciências exatas, da natureza, materialismo e determinismo, enquanto o outro envolve lados subjetivos do ser, conectando-se ao mundo das ideias, imaterial. Mesmo não se cruzando, sua intersecção é o assunto mais pertinente. Entretanto, sempre acabam em separação, submissão ou rebaixamento. Agem de forma hegemônica sobre o outro. Uma vez que o espiritualismo considera tudo que é físico um resultado do espírito, enquanto o materialismo restringe tudo que vem da matéria a uma simples derivação da alma. Apesar de o espírito e o cérebro estarem ligados diretamente ao espiritualismo e ao materialismo, respectivamente, a pesquisa constante dessas ciências, fez-se deixar de lado a contemplação da ligação do cérebro e espírito. No início o “espírito” que era o maioral cheio de poder, governando as ideias e as ações, sendo considerado o criador do universo. Contudo, a partir do século XIX, o espírito caiu no seu conceito, sendo rebaixado e sobreposto pela ciência, sendo assim o espírito considerado então o “fruto último da evolução”. O espírito se flexiona/volatiliza com base nas conquistas simplificadoras e deterministas. Um acaba sempre ganhando relevância nos momentos de crise do outro. Porém, surgiu então a análise das neurociências, com as atividades intelectuais, que acabam ditando aspectos do espírito, este dessa forma, extremamente relacionado às interações moleculares. Assim, o espiritualismo aceita algumas atribuições do materialismo, enquanto espera sua recuperação, sendo reafirmado mais de modo físico do que cerebralmente.

Há uma clara distinção de diagnóstico entre os materialistas e os espiritualistas, enquanto os primeiros consideram o espírito como algo fantástico e ilusionista, os segundos realmente reconheceram o cérebro como suporte, sendo um mediador das informações do mundo, armazenadas e deslocadas numa área cerebral informacional, ou seja, o cérebro não gera o espírito, só o identifica e reconhece. Literalmente, as informações materiais são convertidas em significação simbólica, por meio da receptividade dos sentidos. Conclui-se que a percepção espiritual realiza seus procedimentos baseado na realidade material. Desse modo, dizer que seguir um dos caminhos leva diretamente à exclusão e eliminação do outro é estritamente equivocado. Como dito inicialmente nesse texto, são tópicos dependentes, em que sem um dos dois não poderíamos chegar a conclusões. Porém a negação do espírito acaba por intensificar a forma das ideias, pois este nega sua própria presença para não influenciar a percepção que possui da matéria. Deve se considerar também que um fenômeno psíquico sempre será dependente de um fenômeno biofísico, além de considerar que tanto o espírito quanto o cérebro são subordinados um ao outro, apesar de primeiro conceber uma relação de extrema dependência do espírito perante o cérebro, visto que o espírito pode ser completamente modificado devido a pequenas alterações no âmbito cerebral. Da mesma forma, traumas no espírito também afetam diretamente o cérebro, podendo trazer seu mau-funcionamento e assim prejudicando todo o corpo, como por exemplo o estresse que pode causar queda de cabelo, entre diversas outras consequências, inclusive mais graves. Por conseguinte, a subordinação entre eles não possui direção unilateral, pois ambos se influenciam, como o excerto diz, possem uma certa “causalidade circular”, apesar de possuírem uma certa autonomia. No monismo materialista, a mente é considerada uma manifestação do funcionamento do cérebro, em que o funcionamento mental é simplificado a processos químicos e físicos no cérebro, ressaltando que todos os fenômenos mentais, que incluem emoção, consciência e pensamento, provêm de uma base material. Já no monismo mental, o cérebro é considerado um mediador ou instrumento para a expressão do espiritualismo, uma visão geralmente associada à supremacia do espírito.

Segundo André Bourguignon, a resposta para cérebro e espírito deve ser contraditória, visto que ambos são ao mesmo tempo idênticos em essência e distintos em significado, assim, nunca deve-se privilegiar um deles, principalmente durante uma pesquisa científica. Nessa linha de raciocínio, chega-se ao paradoxo, pois sempre que se chega em espírito, pensa-se na concepção do cérebro produzida pelo espírito. O cérebro não desvenda o espírito, mas necessita dele para conhecer a si mesmo, o mesmo dito para o espírito perante o cérebro. Nesse contexto, nós encontramos o papel crucial da cultura, que proporciona vivências e conhecimento ao espírito, como saberes e patrimônios culturais que contribuem para o desenvolvimento do ser e consequentemente à “evolução”. A interação espírito/cérebro dos indivíduos possui um papel primordial para a cultura e a sociedade humana, que proporcionam avanços. Entre os dois, o mais ligado à cultura é o espírito, visto que abrange as religiões, mitologias, teorias, crenças e ideias. Esses dogmas são apresentados aos seres quando são inseridos em um contexto social de interação. Assim, a cultura forma o trio perfeito junto com espírito e cérebro, sendo mais do que, então uma unidualidade.

A organização é uma das coisas em comum entre cérebro e espírito, sendo considerada imaterial e transmaterial. A abordagem da neurociência atual tende a destacar que o cérebro é considerado uma essência física dos papeis mentais. A diferença entre o aparelho neurocerebral do homem e do animal é que o do primeiro possui uma organização mais complexa, em que permite relacionar e transformar as coisas em raciocínios ou pensamentos, por meio da cultura(linguagem), do raciocínio lógico e da concepção, exigindo previamente, então, um conhecimento sociocultural, onde segundo o texto “a linguagem e a ideia transformam a computação em cogitação”, sendo fenômenos inseparáveis. Desse modo, o espírito manifesta-se com o pensamento e a consciência. O espírito reage sobre a soma de seus condicionamentos (psíquicos, culturais e sociais), de emergência desenvolvendo o que consente o seu avanço. As sinapses proporcionam um espírito com pensamentos, sentimentos, vontades e pré-conceitos. Integradas num “dinamismo retroativo”.